



NOTÍCIAS EM PORTUGAL

ESTUDOS SOBRE A IMPRENSA INFORMATIVA (SÉCULOS XVI-XX)

ALBERTO PENA RODRÍGUEZ

ANA TERESA PEIXINHO

ANDRÉ BELO

CARLA BAPTISTA

CARMINE CASSINO

HELENA LIMA

JOAQUIM FERNANDES

JORGE PEDRO SOUSA (ORG.)

MARCO GOMES

PATRÍCIA TEIXEIRA

PEDRO MARQUES GOMES



LIVROS
ICNOVA

ic NOVA INSTITUTO
DE COMUNICAÇÃO
DA NOVA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Notícias em Portugal – Estudos sobre a imprensa informativa (séculos XVI-XX)

AUTOR

Jorge Pedro Sousa (Organizador)

COLEÇÃO

Livros ICNOVA

EDIÇÃO

ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa
Av. Berna, 26
1069-061 Lisboa – Portugal
www.icnova.fcsh.unl.pt icnova@fcsh.unl.pt

DIREÇÃO

Francisco Rui Cádima
Maria Lucília Marques
Cláudia Madeira

ISBN

978-989-54285-3-3 (Digital)
978-989-54285-4-0 (Impresso)

DESIGN E PAGINAÇÃO

José Domingues | UNDO

DATA DE PUBLICAÇÃO

Dezembro 2018

APOIO



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



A edição deste livro é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Para uma história do jornalismo em Portugal.



O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.

O JORNAL DE NOTÍCIAS: TRADIÇÃO E EVOLUÇÃO PARA O MODELO DE IMPRENSA POPULAR

HELENA LIMA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
hldlima@gmail.com

CONTEXTOS

O *Jornal de Notícias* foi um jornal político lançado no Porto em 1888, numa altura em que a cidade iniciava um período de crescimento e melhorias urbanas. Foi também o terceiro dos três jornais centenários que fizeram parte da história da cidade e o único que sobreviveu às grandes transformações da imprensa no final do século xx (Lima, 2012). A iniciativa de criar um novo jornal de perfil partidário foi tomada quando a cidade do Porto apresentava um novo dinamismo em termos de crescimento demográfico e desenvolvimento industrial. Estes fatores de modernidade eram, ainda assim modestos, e a concentração populacional nunca atingiu os níveis de Lisboa.

Apesar do crescimento urbano, as condições de vida das pessoas eram difíceis e além da pobreza, a população adulta tinha níveis altos de analfabetismo, à imagem do que se vivia no resto do país¹. O Porto modernizou-se, abriram novas ruas e construíam-se edifícios grandiosos, como o palácio das Cardosas, o palácio de Cristal ou a estação de São Bento. Contudo, faltavam infraestruturas sanitá-

¹ Segundo Ribeiro da Silva, em 1890 a taxa da população portuguesa, que acima dos 7 anos não sabia ler nem escrever era de 76%, (1993:102).

rias, iluminação e policiamento e a cidade tinha ainda, muitos traços de ruralidade... O novo urbanismo trouxe consigo os pequenos factos que seriam fonte de notícia, como os pequenos dramas passionais, acidentes, naufrágios, incêndios, cheias que passaram a constar das páginas da imprensa.

Os três principais diários do Porto, *O Comércio do Porto*, *O Primeiro de Janeiro* e o *Jornal de Notícias* fundaram-se dentro do modelo da imprensa portuguesa da segunda metade dos oitocentos. Este período conhecido foi caracterizado pela pacificação política por oposição ao período anterior. Dentro de um clima de relativa estabilidade governativa e social, desenvolveu-se a economia e foram lançadas as estruturas necessárias ao desenvolvimento que o país carecia. Um novo dinamismo que se fez sentir em diversos setores favoreceu o movimento publicista, que levou ao aumento considerável de novos periódicos, dadas também as novas condições de liberdade de imprensa. As novas publicações foram sobretudo meios de difusão de ideias, sendo caracterizadas como políticas, culturais, económicas ou outras, mas as mais características promoviam a defesa de uma ou outra organização partidária. O tempo de publicação era variável, mas a maioria tinha períodos de existência curtos, dada a falta de uma estrutura empresarial que sustentasse a periodicidade. Ainda assim, muitos destes jornais e revistas eram vendidos por assinatura e incluíam alguma publicidade.

O sistema de produção dos jornais também era limitado e só muito tardiamente as redações, para além do escritor, passaram a contratar os repórteres. Apesar da diversidade de publicações e respetivos conteúdos houve, na perspectiva do papel da imprensa portuguesa, uma dicotomia que opunha os jornalistas literatos e defensores de causas aos novos membros dos jornais, contratados para escrever notícias, numa perspectiva classista em que os conceitos de alta cultura e baixa cultura tipificam os modelos divergentes. Como refere Sousa (2017), as elites rejeitavam as publicações periódicas que não atuassem como uma arma ideológica e desprezavam os modelos de negócio, em que a posição de neutralidade face às causas políticas era uma prática comum. Intelectuais, políticos e empresários de imprensa viam esta nova linha editorial como uma decadência do jornalismo sério.

Para além das perspetivas divergentes quanto ao papel do jornalismo, o principal desafio na criação de um novo título era a sua difusão. Os jornais eram caros, vendiam-se sobretudo através das assinaturas e a sua sustentabilidade era difícil. Portugal foi profundamente marcado pela pobreza e analfabetismo, uma tendência que durou quase até o final do século xx. Durante a monarquia parlamentar, a leitura dos jornais permaneceu um privilégio dos ricos, dos políticos ou da burguesia letrada, embora este círculo tenha sido gradualmente alargado e a

difusão das publicações não estivesse limitada a quem as subscrevia e lia. Os conteúdos eram ainda lidos em voz alta em diferentes círculos sociais, sendo muitas vezes mote de debate público.

O ambiente favorável para a difusão do jornal informativo, entendido como uma iniciativa empresarial, foi a cidade, marcada pelas cadências do quotidiano, em que os acontecimentos de maior ou menor dimensão e impacto despertavam a curiosidade do público. As cidades portuguesas demoraram a adquirir esta feição vincadamente urbana, mantendo, como no caso do Porto, muitos dos costumes provincianos e rurais. O desenvolvimento tardio da vida urbana teve também como consequência uma implantação tardia do modelo de jornalismo noticioso, em que a edição do dia, efémera, era paga pela venda avulsa e pela publicidade. O primeiro jornal a adotar esta lógica de negócio, dirigido a um público amplo e com uma lógica informativa foi o *Diário de Notícias*, que começou a ser publicado em Lisboa, em 1864. Dado o exposto anteriormente, este diário foi amplamente criticado pelas elites intelectuais e políticas da época. Apesar disso, o *Diário de Notícias* rapidamente conquistou públicos e publicidade e tornou-se um modelo de negócio e um sucesso, mas a imprensa nacional demorou ainda algum tempo a aceitar este tipo de jornalismo.

Apesar das desconfianças em relação à vocação informativa, gradualmente, os diferentes títulos nacionais começaram a incorporar notícias de acontecimentos, muitas vezes replicados de jornais estrangeiros, outras vezes factos ocorridos em Portugal, o que despertou o interesse de uma audiência mais ampla. Mas a matriz ideológica continuou a ser a dominante e o desenvolvimento do jornalismo noticioso em Portugal foi lento. A dificuldade dos meios políticos e intelectuais em aceitar mudanças perpetuou a matriz política, tornando-se um entrave ao desenvolvimento e difusão, como foi destacado por Alberto Bessa: “Nenhum d’esses jornais que deixei citados, era o que propriamente se chama popular, porque os preços da sua venda avulso não permitiam que eles se espalhassem pelo povo, sendo a sua tiragem limitada, portanto aos que commungavam nos ideaes políticos dos seus redactores.” (1904: 170).

IMPRESA POPULAR, SENSACIONALISMO E ASPETOS CONCEPTUAIS

Na viragem do século XIX em Portugal e no período seguinte, houve uma mudança nos principais jornais políticos, que acabaram por seguir a tendência da imprensa popular internacional. As capas passaram a incluir mais notícias

em detrimento das temáticas partidárias, desenvolveram uma maior diversidade temática e incluíram ilustrações e novos tópicos mais apelativos (Campbell, 2001). Essa nova abordagem popular atraiu um público mais amplo. Artigos com “interesse humano” chegaram às primeiras páginas, assim como os eventos de grande impacto. No plano gráfico, as capas tornaram-se muito mais atraentes, o que conquistava a atenção de públicos mais diversificados. A imprensa evoluiu para um formato mais informativo, com imagens e novidades que despertavam a curiosidade dos leitores.

Esta evolução tardia parece indicar que os formatos de sensacionalismo ou jornalismo tabloide, típicos da imprensa popular anglo-saxónica do final do século XIX, não encontraram uma conjuntura favorável no caso português. Apesar disso, algumas das construções narrativas características deste fenómeno, acabaram por ser adotadas por alguns diários naciobais, como foi o caso do Jornal de Notícias. Embora não se possa afirmar que estamos perante uma imprensa de perfil editorial sensacionalista, pode-se apontar, por exemplo, a inclusão quase sistemática de *soft-news* ou *fait-divers* que de alguma forma denotam efeitos de tabloidização. Na conceptualização do também chamado *yellow journalism* destacam-se alguns elementos-chave que permitem a identificação deste formato: menos *hard news* e mais *soft news* (Kurtz, 1993, Esser, 1999, Patterson, 2000, 2003, Sparks, 2000). As notícias passaram a contar mais acontecimentos sobre a vida das pessoas comuns. Desenvolveu-se um maior interesse sobre aspetos da vida privada (Sparks, 2000). Houve um maior enfoque sobre os acontecimentos nacionais e menos noticiário internacional (McLachlan e Golding, 2000; Conboy, 2006). O formato ganhou mais importância que o conteúdo (Golding e McLachlan, 2000). Nem todas estas características são marcantes na evolução do *Notícias*, mas alguns destes traços fizeram a sua aparição no período aqui tratado.

O JORNAL DE NOTÍCIAS: DE PROJETO PARTIDÁRIO AO JORNALISMO POPULAR

O *Jornal de Notícias* adotou progressivamente a orientação editorial de cariz popular, mas esta evolução deve ser considerada dentro do devido enquadramento temporário. Significa isto que, não apresentou todas as características enunciadas pelos diferentes autores quando se referem ao modelo de sensacionalismo ou ao formato tabloide típico da imprensa anglo-saxónica atual, nem mesmo se pode comparar aos grandes jornais popular da viragem do século, como o britânico *Daily Mirror* ou o americano *The New York Journal*, quando atingiam as inigua-

láveis tiragens daquele período. Não era essa a matriz editorial do JN, nem nunca o seu formato chegou a esses extremos e muito menos os níveis de circulação, nem mesmo para os parâmetros nacionais. Salvaguardando as devidas distâncias, o JN apresentou um processo gradual, em que se pode constatar que as *soft news* e as temáticas de enquadramento mais dramático vieram a fazer parte da sua agenda diária.

O primeiro número do jornal, saído a 2 de Junho de 1888, manifestava a intenção clara de defesa da linha partidária: “O nosso jornal combate nas fileiras do partido regenerador. Nem representa qualquer individualidade, por muito que ella se imponha dentro do partido; nem favorece os agrupamentos parciaes, porque desadora qualquer fragmentação que roube a força que só uma completa unidade pode dar.” O *Jornal de Notícias* propunha-se esclarecer a opinião pública e acusava os vários periódicos da cidade de estarem ao serviço de entidades e interesses escamoteados. Criticava ainda o exercício da política, mas defendia os governos regeneradores.

A orientação editorial partidária esteve sempre presente nos primeiros anos do jornal, mas este projeto surgia num período em que a imprensa nacional se deixava já influenciar pelos formatos mais noticiosos que vingavam no estrangeiro. Por outro lado, o sistema de rotativismo típico deste período do liberalismo português estava já em declínio e a grande crise política de 1890, o Ultimato Britânico, estava já a desenrolar-se e com responsabilidades para os dois partidos que alternavam no poder.

O primeiro ano de existência do jornal caracterizou-se por ataques ao governo progressista e ao gabinete José Luciano de Castro. Dentro das temáticas políticas tratadas no artigo de fundo, as críticas à atividade governativa dos progressistas foram recorrentes e abrangeram também o rival *O Primeiro de Janeiro*, nomeadamente nas questões da defesa das possessões portuguesas em África. Até ao final do século, as questões coloniais estiveram sempre presentes na agenda política e regeneradores e progressistas, apesar dos ataques mútuos, tiveram atuações idênticas, o que não impedia que os jornais partidários não esgrimissem as debilidades da política colonial, para se atacarem entre si. Apesar dos artigos de fundo se terem mantido, o período em que o *Jornal de Notícias* insistiu nas temáticas partidárias foi necessariamente menor que o dos seus predecessores. O declínio da política rotativista pode explicar, em parte, o atenuar deste tipo de temáticas. Pode-se dizer que o JN ensaiou duas linhas narrativas, a inicial, política e defensora dos regeneradores, e uma segunda que se foi instalando gradualmente, em que o tom discursivo é dirigido a outros públicos mais amplos e, necessariamente mais popular. A inclusão de novos conteúdos do *Notícias* não foi drástica nem

repentina, resultando eventualmente também do período de transformações cidade do Porto. Assim, o JN acabou por apresentar uma simbiose de estilos e intenções. Por outro lado, dado o seu lançamento mais tardio, houve também vantagens de formato: era grande e de mais fácil leitura, permitindo também mais informação.

Inicialmente tinha quatro páginas e a primeira começava justamente pelo artigo de fundo, de carácter político. Em baixo publicava-se o Folhetim, que começou por ser uma tradução de romances estrangeiros, mas cedo deu lugar romances nacionais, que eram anunciados repetidamente em vários números. Outras temáticas eram tratadas nas páginas seguintes, sem separações ou ordem aparente: questões internacionais, notícias de agenda e outras. A segunda página seguia a mistura temática e a terceira e quarta eram total ou parcialmente ocupadas com anúncios, que rapidamente chegaram a preencher 50% do jornal. A publicidade denota a sua boa difusão, mas também o êxito em termos de negócio. O preço de lançamento era de dez reis, à imagem do Diário de Notícias, o que de alguma maneira o retirava do grupo dos jornais caros das elites. Por outro lado, o JN contou com a colaboração de figuras da intelectualidade nacional e portuense, como Pinheiro Chagas, Gomes Leal, Maria Amélia Vaz de Carvalho ou Oliveira Martins, que às segundas-feiras colaboravam na página literária. A conquista do público feminino passou também pela inclusão de uma «Crónica de Modas», notícias sobre danças da moda, acompanhadas de gravuras ilustrativas. Em 15 de janeiro de 1903, por exemplo, o *Notícias* publicava “O bakewalk”, em que a dança era explicada com gravuras. Os artigos com conselhos de beleza e o combate às rugas iniciaram uma tendência que nunca perde atualidade.

A vertente informativa contribui para a conquista de novos leitores e assim se pode entender a inclusão de reportagens que trataram os grandes acontecimentos do final do século XIX como a revolta do 31 de Janeiro, um naufrágio da barra do Douro, o Palácio de Cristal ou o início da construção da estação de S. Bento. As políticas de desenvolvimento da cidade foram também tratadas, lado a lado com a defesa dos interesses da população. Criticava-se a falta de policiamento, de transportes e de outras medidas contribuía para que a toda a vida urbana melhorasse, como a iluminação, saneamento e o fornecimento de água. As campanhas de solidariedade constaram das iniciativas do jornal na angariação de fundos para as situações mais desesperadas, estratégia comum aos vários grandes diários nacionais. As iniciativas faziam-se para auxílio de situações específicas de desespero ou campanhas como o «Natal dos Pobres».

As primeiras páginas do *Jornal de Notícias* não foram preenchidas apenas com notícias sobre a cidade. Havia também artigos com uma intenção pedagógica,

onde se condenava a linguagem vernácula, que já então ofendia os ouvidos de quem passava pelo centro urbano. Criticavam-se também as escaramuças entre gente de baixa condição e, de uma maneira geral, apontavam-se outros aspetos pouco simpáticos da vida urbana, que traduziam má-fé ou comportamentos de incivilidade, como a feira dos moços na Corujeira ou a vida dura das carquejeiras. A defesa dos interesses da cidade e da região foram temáticas recorrentes e a simpatia dos portuenses foi definitivamente conquistada depois do episódio da quarentena imposta pelas autoridades sanitárias à cidade, aquando do surto de peste que assolou o Porto, na viragem do século. A oposição do JN ao cordão sanitário imposto pelo governo levou ao aumento das tiragens que cresceram de cerca de dez para 16 mil em pouco mais de uma década, atingindo 22 mil exemplares, em 1901. Estes números eram acompanhados da frase de marketing: “o «*Jornal de Notícias*» é o diário de maior difusão do norte do paiz”.

Para além da informação séria e do debate político, o *Jornal de Notícias* inclui, desde cedo, o tom popular. Este era dado pelo romance cor-de-rosa e pelos títulos «A rir» e «Notas alegres». A ridicularização dos temas políticos teve também a sua abordagem, nomeadamente pelo aparecimento das «gazetilhas», onde pontificou Acácio Paiva, um dos jornalistas que fez também parte do período inicial do jornal. A vertente popular viria gradualmente a ser acentuada pela inclusão de outras temáticas e rúbricas, mas foram as notícias sobre acontecimentos dramáticos e o tom textual que traduzem um enquadramento mais sensacionalista.

Inicialmente, o *Notícias* começou por publicar relatos retirados de jornais estrangeiros, como foi o caso de um episódio de humor a e que foi copiado do famoso *Tit-Bits*, em que o papagaio de um capelão terá dito “ugly, ugly woman”², referindo-se à Rainha Vitória. A inclusão de notícias internacionais replicadas de outros jornais que se referiam a personalidades da realeza denota a adoção de uma linha editorial idêntica à dos jornais populares da época. “Amor de princesa”, título que parece tirado de um romance de cordel, referia-se, de facto, a um namoro fora do habitual: “Parece que não é blague, mas uma verdade incontestável, estar a princesa Victoria, filha do Príncipe de Gales, perdidamente enamorada de um simples burguês, a quem prefere a todos os príncipes, duques e aristocratas pimpolhos da velha Europa”³ Note-se aqui o termo *pimpolhos*, adejetivante e pejorativo. O interesse sobre aspetos privados (Sparks, 2000). da vida de figuras públicas passou a ser uma das características do JN nesta fase, fosse pela

² *Jornal de Notícias*, 28 de agosto de 1898.

³ *Jornal de Notícias*, 26 de agosto de 1898.

revelação deste tipo de episódios, fosse pelo enfoque quase diário em situações de maior carga emocional.

Paulatinamente, o mesmo tipo de notícias passaram a ser incluídas com maior frequência. Considerando os parâmetros de Sparks (1998) “quantidade” e “protagonismo” enquanto elementos de análise de conteúdo nos efeitos da tabloideização, o *Notícias* utilizou formatos narrativos nos quais a experiência individual imediata e os *fait-divers* foram sendo adotados de forma recorrente. A mudança gradual na agenda deste jornal indica uma intenção no sentido de mais espetacularidade e menos informação séria.

Esta tendência é ainda acentuada pela apresentação gráfica, com mais ilustrações e separação e destaque de temáticas. Os relatos de acontecimentos mais espetaculares foram acompanhados por uma mudança no discurso, que se tornou mais coloquial (Esser, 1999).

Apesar dessa transformação, do aumento dos elementos emocionais e da mudança nas narrativas jornalísticas, nunca houve um distanciamento total das notícias sérias, que cerca de uma década continuaram a ocupar parte da capa e mantinham espaço de publicação nas páginas seguintes. Essa dupla orientação editorial está também presente nos textos que apresentavam duas linhas distintas: o tom austero manteve-se nas notícias e temáticas sérias, típicas das editoriais política, internacional e economia. Em paralelo, a escrita para notícias de *fait-divers* e relatos de crimes ou factos de atualidade era muito mais de apelo às emoções e reações primárias dos leitores. Esse estilo foi patente nos relatos sobre as tragédias humanas, destacando-se a abordagem emocional, em que o sofrimento ocupava o centro do interesse público (Pensar, 2006). Os temas dramáticos adotaram narrativas com uma carga emocional muito forte, por vezes com um tom mórbido, que rompeu com o estilo austero do jornalismo tradicional do Porto.

Os protagonistas destes acontecimentos eram muito diferenciados. Replicações de jornais internacionais, figuras da nobreza e das monarquias europeias eram frequentemente personagens centrais da emotividade narrativa, justamente pelo seu destaque em termos de representação pública. Uma das temáticas com forte valor de notícia foram os ataques a vários elementos das monarquias europeias, que fizeram parte da agenda noticiosa deste período. A 3 de setembro de 1898, o JN noticiava que a imperatriz Isabel da Áustria tinha sido assassinada, por esfaqueamento. Esta notícia foi tratada com todos os detalhes, em dias sucessivos, com abundância de pormenores: “Depois de vibrar a punhalada na vítima, o assassino fugiu.” Nos diversos números, os textos eram longos, com subtítulos e pontos mórbidos, como: “O cadáver (subtítulo) da soberana, vestido

de branco e envolto num lençol foi metido num tríplice capitonado de cetim também branco”. Outro subtítulo que procurava explicar o ambiente do funeral: “O desfile do sentimento”⁴

A morte, fosse por assassinato ou por suicídio foi um tema constante. Uma notícia copiada do *Daily Telegraph* referia o julgamento de um caso que chocou a opinião pública: “Começou no tribunal de Bourg, o julgamento de Vacher, o hediondo matador de pastores, cujos crimes em tempos relatamos minuciosamente.”⁵ Dentro da mesma lógica dos crimes que chocavam e assustavam a opinião pública, deram-se também notícias sobre Jack, O Estripador.

Outra notícia de impacto internacional, o caso Dreyfus foi tratado de forma continuada em diferentes números do jornal. O suicídio do capitão Henry foi descrito minuciosamente e publicada a carta em que expunha as razões porque punha fim à vida. Este episódio foi acompanhado por uma ilustração. Estas histórias tinham um efeito forte sobre os leitores, dada a evidente carga dramática, que por vezes adotava um certo tom mórbido, que rompeu com o estilo austero do jornalismo do Porto. Além das elites europeias, o JN relatava outras desgraças, como a de uma jovem francesa: “Uma rapariga de 15 anos, engomadeira, tendo uma contrariedade resolveu matar-se. Deitou dois de uma essência e besuntou-se com o líquido.”⁶ O suicídio foi uma temática recorrente, em que as personagens eram das mais diferenciadas, abrangendo todas as classes sociais.

Os dramas humanos que chocavam a opinião pública europeia e contados a partir de jornais estrangeiros foram a inspiração narrativa que o *Jornal de Notícias* seguiu ao incluir na sua agenda e em formato de notícia ou reportagem, acontecimentos da vida do Porto e do país, onde o mesmo enquadramento emocional estava presente. Estes casos, contados com pormenor e que chocavam a opinião pública terão contribuído para o afirmar desta linha editorial popular, agora já numa dimensão nacional. Assim, uma multiplicidade de acontecimentos foram retratados e deram conta de como se podia associar os aspetos emotivos às notícias da vida quotidiana.

Esta abordagem editorial também esteve presente nas notícias sobre crimes passionais. Em regra, estes casos eram chamados à primeira página e o desenrolar dos acontecimentos era narrado com muitos detalhes, declarações dos envolvidos e por vezes com gravuras que explicavam os dramas e retratavam as personagens envolvidas. A título de exemplo, “O crime de Vila Nova de Gaia”, apresentado aos

⁴ *Jornal de Notícias*, 15 de setembro de 1898.

⁵ *Jornal de Notícias*, 21 de setembro de 1898.

⁶ *Jornal de Notícias*, 22 de dezembro de 1898.

leitores do JN como um exclusivo. A notícia teve tratamento continuado durante vários dias e os formatos discursivos e gráficos reforçaram a relevância do tema. Em dias seguidos o jornal fez e repetiu a cronologia dos acontecimentos e deu também destaque aos aspetos considerados mais importantes. Os textos estavam repletos de emoção, bem como juízos de valor, patentes pela adjetivação exagerada. O tom mórbido pôde ser identificado em vários momentos, mas a seguinte descrição é eloquente: “Entretanto o Teixeira evadia-se, o Serafim erguendo-se a escorrer sangue que lhe saía aos borbotões pelo golpe recebido, e sem poder articular mais do que uns gritos roucos, abafados pelo sangue que lhe saía às golfadas pela boca, foi cair próximo à capelita da invocação da Senhora da Piedade, que se acha erecta frente à praia (...)”⁷.

As mortes relacionadas com paixão e ciúmes eram muito tratadas pelo Notícias, que apontava a traição como justificação destes dramas, sendo os crimes muitas vezes seguidos de suicídio. Segundo a mesma lógica noticiosa, o *Jornal de Notícias* contou a história de um casal que sofreu um final muito dramático: “O namoro da morte. Detalhes trágicos. Dois tiros de revólver (em subtítulo) “É uma tragédia que emociona profundamente, pois constitui uma página do romance de amor tão impressionante como tantos que se escreveram noutros tempos.”⁸ Outra notícia do mesmo tipo: “Drama sensacional. Tentativa de assassinato e suicídio (título). O Albino, obcecado pelo ódio que intimamente nutria contra a esposa, resolveu por em prática O CRIME.”⁹ Em 1903, a temática de crimes era ainda constante, fossem nacionais e estrangeiros, sendo os ciúmes e adultério a causa dos atos tresloucados. A 22 de janeiro o jornal reportava: “Um drama de ciúme. Amores contrariados, um louco de paixão. Tentativa de assassinato e suicídio. Pormenores emocionantes (,,) Como Henrique matou a Micas.”

Para além dos crimes, os acidentes, incêndios e julgamentos contribuíam para também despertar a atenção do público: “Dois descarrilamentos na Ponte D. Maria Pia. Grande pânico. (...) Os maquinistas viram logo do que se tratava e um grande terror os tomou. O comboio foi rodando estrepitosamente, num fragor medonho.”¹⁰ Acontecimentos deste tipo, considerados de grande impacto, eram acompanhados de gravuras, como é o caso de um fogo na Rua das Flores: “Um incêndio pavoroso. Terrível explosão numa drogaria. A cidade alarmada.”¹¹ Narra-

⁷ *Jornal de Notícias*, 17 de julho, 1900.

⁸ *Jornal de Notícias*, 4 de dezembro de 1905.

⁹ *Jornal de Notícias*, 20 de dezembro de 1905.

¹⁰ *Jornal de Notícias*, 20 de dezembro de 1905.

¹¹ *Jornal de Notícias*, 12 de junho de 1903.

tivas sobre casos sensacionais, descritos com emoção e que captavam a atenção dos leitores.

Os mesmos temas populares, sensacionalistas podem também explicar a insistência do *Jornal de Notícias* no espiritismo. Esta temática apareceu inúmeras vezes neste diário e o enquadramento dava como facto comprovado o aparecimento do espírito uma mãe que esteve na origem do salvamento da filha. A notícia era ainda ilustrada com uma gravura do centro espiritismo do Porto. O JN defendeu também uma mulher presa pela polícia e acusada de bruxaria. A justificação para a defesa foi porque quando o repórter a foi entrevistar, ela revelou-se como uma mulher educada, mas que praticava o espiritismo. Os textos sobre esta temática não eram assinados, sendo mencionado o termo “colaborador”. Num deles podia ler-se: “Este espectro parou voltado para o Sr. S. parecendo encará-lo fixamente. Em seguida, estendeu para ele o braço direito, notando os assistentes que tinha a mão decepada. O Sr. S. estendeu os braços para o espectro e soltando um grito terrível, foi recuando para o fundo da sala, onde caiu sem sentidos.”¹² Foram vários os textos do mesmo autor e os relatos apresentados como factuais, sendo que o jornal recebeu uma admoestação e teve de se retratar.

As novas narrativas foram acompanhadas por uma maior inclusão de gravuras, sobretudo a partir do início do novo século. Houve uma clara mudança nas edições de domingo, onde as capas passaram a acolher muito mais imagens do que nos outros dias da semana. Muitas destas gravuras estavam relacionadas com temas de humor. A inclusão de imagens foi também importante em pequenas narrativas ficcionais de carácter muito frívolo. No campo da ficção, um dos elementos de conquista de públicos, mas também das temáticas mais sensacionalistas, os folhetins, que eram, em regra anunciados em vários números anteriores e cujos títulos e gravuras deixavam antever o pendor narrativo.

Na primeira década do século xx, o *Notícias* publicou também fotografias na capa, em regra, quando houve situações de valor-notícia muito forte, como as grandes inundações na zona ribeirinha, aquando da visita de D. Manuel II ou da revolução republicana, sendo publicadas as fotos dos líderes do movimento. Com o tempo, o uso desta nova técnica tornou-se mais comum e foi usado para notícias diárias ou outros tópicos, mas este seria um processo que implicou a transformação e modernização do jornal. Do ponto de vista gráfico, o JN sempre se caracterizou por uma certa qualidade que fez deste jornal uma leitura agradável, com uma imagem atraente que acompanhou o tom claro das notícias.

¹² *Jornal de Notícias*, 21, maio de 1903

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos estes aspetos, ainda que incluídos de forma gradual, permitiram que o *Jornal de Notícias* conquistasse a lealdade dos leitores portuenses. O seu público, que se foi alargando, rapidamente transcendeu o círculo de difusão puramente partidária ou das elites esclarecidas, típicas de outros jornais da época. Alberto Bessa observou essa qualidade quando escreveu: “ É um jornal muito noticioso com um feitio popular, que é muito apreciado no Norte, e tem tido sempre um corpo redactorial de primeira ordem.”¹³

A opção pela linha editorial popular não foi abrupta, nem os princípios fundacionais do jornal desapareceram por completo. O JN publicou inicialmente as temáticas que interessavam ao grande público, a partir das notícias retiradas de jornais estrangeiros.

Na viragem do século, e com os investimentos e transformações na redação, a linha editorial do jornal acabou por transpor este formato narrativo para os acontecimentos que afetavam a cidade do Porto e o país. Crimes passionais, mortes, suicídios e outras situações dramáticas passaram a ser uma presença constante nas páginas deste diário. As melhorias técnicas permitiram ilustrar estes dramas tratados em continuidade, com ilustrações que levavam aos leitores os pormenores de maior impacto e as faces das personagens envolvidas. O discurso das notícias tornou-se mais próximo, mais adejetivado, apelando à emoção de quem lia.

A transformação da linha editorial do *Jornal de Notícias* encaixa-se nalguns dos aspetos enunciados anteriormente como típicos da imprensa popular e sensacionalista. Contudo, este diário não deixou de tratar as temáticas sérias nos formatos narrativos tradicionais. O JN não é um tabloide de raiz, mas agrega elementos típicos da imprensa popular do período aqui tratado. Daí a imagem de sucesso comentada por Alberto Bessa: “ Pode considerar-se hoje um jornal feito, na acepção de garantido, porque a sua extracção é grande e os seus creditos estão firmados em largos annos de existência honradamente mantida sem acrimonias ou violencias, moderadamente e diplomaticamente mesmo, de tal modo que vai agradando a gregos e a troyanos. (...) Este é o segredo de fazer jornaes, de que muito boa gente não quer convencer-se nem à mão de Deus Padre...!”¹⁴.

¹³ In “Jornaes da Minha Terra” in *O Tripeiro*, Porto, 1 de Setembro de 1937

¹⁴ In: *Jornaes da Minha Terra*, *O Tripeiro*, Porto, 1 de Setembro de 1937.

BIBLIOGRAFIA

- Bessa, A. (1904). *O jornalismo*. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso.
- Campbell, W. J. (2001). *Yellow journalism: picturing the myths, defining the legacies*. Westport: Praeger Publishers.
- Conboy, M. (2006). *Tabloid Britain: Constructing a Community through Language*. London: Routledge.
- Esser, F. (1999). 'Tabloidization' of news. A comparative analysis of Anglo-American and German press journalism". *European Journal of Communication*, 14 (3), pp. 291-324.
- Kurtz, H. (1993). *Media Circus: the Trouble with America's Newspapers*. New York: Random House.
- Lima, H. (2012). *A Imprensa portuense e os desafios da modernização*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mclachlan, S. & Golding, P. (2000). Tabloidization in the British Press: a quantitative investigation into changes in British newspapers 1952-1997. In Sparks, C. & Tulloch, J. (Eds.), *Tabloid tales: global debates over media standards* (pp. 75-90). Lanham: Rowman and Littlefield Publishers.
- Patterson, T. E. (2000). *Doing well and doing good: how soft news and critical journalism are shrinking the news audience and weakening democracy – and what news outlets Can do about it*. Boston: Harvard University Press.
- Pensar, A. (2006). Displaying tabloidization – Analysis of Dagens Nyheter's media coverage on the school shootings of Dunblane and the school hostage drama of Beslan. Stockholm. Stockholm University Department of Political Science. www.statsvet.su.se/mediarum/Media_and_Politics_2/PDF/Cpapers/Pensar.pdf.
- Silva, F. R. (1993). História da Alfabetização em Portugal: fontes, métodos, resultados. In Nóvoa A. & Berrio, J. R. (Eds.), *História da Alfabetização em Espanha e em Portugal. Investigações e atividades* (pp. 101-121). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Sousa, J. P. (2017). A imprensa portuguesa durante a Monarquia: das origens a 1910. In Sousa, J. P., Lima, H., Hohldfeldt, A. & Barbosa, M. (Eds.), *Uma História da Imprensa Lusófona* (pp. 13-210). Porto: Media XXI.
- Zelizer, B. (1999). Forword. In Sparks, C. & Tulloch, J. (Eds.), *Tabloid tales: global debates over media standards* (pp 40-50). Lanham: Rowman and Littlefield Publishers.

